

A PESQUISA NA UNIVERSIDADE: FAZERES DIFERENCIADOS SOB UM MESMO CONCEITO

José Pedro Boufleuer¹

RESUMO: Este trabalho traz uma reflexão sobre a pesquisa na Universidade. Inicialmente, delimita o conceito de pesquisa, avaliando suas implicações para a prática pedagógica e para os modos de construção do conhecimento no ambiente universitário; em seguida, examina as condições e possibilidades do trabalho de pesquisa no âmbito da graduação e da pós-graduação, considerando a relação entre estes dois níveis.

PALAVRAS-CHAVES: Pesquisa; Universidade; Graduação; Pós-graduação.

ABSTRACT: This work brings a reflection on research at the University. Initially, it delimits the research concept, evaluating its implications for pedagogic practice and for the manners of constructing the knowledge in the academical environment; following, it examines the conditions and possibilities of the research work at graduation and post-graduation level, considering the relationship between those two levels.

KEY-WORDS: Research; University; Graduation; Post-graduation

Definindo um conceito geral de pesquisa

CONSIDERO extremamente salutar definir os conceitos com os quais nós trabalhamos, no caso, o conceito de pesquisa, para evitar acontecer de estarmos falando pretensamente da mesma coisa, mas na verdade cada um pensando ou se referindo a algo distinto. Nesse sentido, a diferenciação estabelecida no

¹ Doutor em Educação, professor do Departamento de Pedagogia da UNIJUÍ e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ.

relatório do I Fórum de Pesquisa da Uniso é bastante esclarecedora². De acordo com o relatório, há pelo menos três acepções da palavra *pesquisa* que se referem a atividades que ocorrem no espaço universitário.

Uma primeira acepção seria a de pesquisa como *atividade de estudo escolar*, em função de um tema sobre o qual se queira saber mais. Nesse sentido, eu colocaria a pesquisa que o professor faz para preparar uma aula, ou que o aluno faz para fazer um determinado trabalho escolar, para o que ele pode se servir de jornais ou revistas, da biblioteca ou da Internet. Enfim, trata-se de buscar e organizar informações já existentes. Sem dúvida, esta é uma dimensão da pesquisa que, de alguma forma, atravessa a Universidade. Uma dimensão que, no limite, apenas se configura como revisão de literatura acerca de determinado tema.

Uma segunda acepção seria a de pesquisa como *levantamento de informação*, como a que se refere ao custo de vida ou às intenções de voto, utilizando-se, para isso, de metodologia apropriada. Diria que esse sentido não difere muito daquele de se fazer pesquisa de preços antes da aquisição de um determinado eletrodoméstico, por exemplo. No caso da Universidade, esse sentido de pesquisa se aplica a eventuais serviços prestados à comunidade ou a clientes específicos.

Numa terceira acepção, a pesquisa seria entendida como uma *investigação pela qual se constroem explicações consistentes e verossímeis de "fatos do mundo"*, isto é, como construção de conhecimento mediante aplicação de uma teoria e de um método. É esse o conceito de pesquisa que, entendo, deverá servir de referência para pensar a pesquisa como uma dimensão fundamental do fazer universitário.

Sem desconsiderar que uma pesquisa acadêmica possa incluir fases em que de alguma forma aparecem os dois primeiros sentidos aqui apresentados, isto é, como atividade de estudo ou como levantamento de informações, orientarei a exposição para a caracterização de um conceito de pesquisa como construção de conhecimento. Entendo que é esse o sentido que deve orientar os esforços de incremento da pesquisa no âmbito de uma universidade.

Pensando a partir de um conceito de pesquisa como construção do conhecimento, pode-se dizer que o que unifica todo o trabalho educativo de uma instituição universitária são os processos de aprendizagem, ou melhor, o esforço em otimizar os processos de aprendizagem. Toda aprendizagem, por sua vez, pode ser entendida ao modo de uma pesquisa, isto é, como um esforço em melhor compreender uma situação problemática ou desafiadora da realidade mediante o recurso a uma teoria. Nessa dialética em que se articula um concreto e um abstrato, para usar os termos da metodologia da pesquisa, transformam-se não só as visões acerca da realidade, mas também as próprias teorias que pretendem ajudar na compreensão e explicação dessa realidade. É esse o processo de produção do conhecimento.

A partir desse entendimento amplo acerca dos processos de aprendizagem e de pesquisa, podemos traçar uma linha de continuidade que vai desde o primeiro ano de nossas vidas até a pós-graduação, onde os diferentes graus de ensino podem ser vistos

² Algumas das idéias presentes neste texto foram apresentadas em conferência na Universidade de Sorocaba, no dia 18 de setembro de 2002, por ocasião da realização do II Fórum de Pesquisa dessa instituição.

como níveis de intensificação das aprendizagens mediante a intensificação da capacidade de pesquisar.

Pode-se também dizer que todo professor e todo aluno deve ser um pesquisador para poder constituir-se em aprendente. A pesquisa é, deste modo, a própria dinâmica da transformação da informação em conhecimento, ou seja, a dinâmica da aprendizagem significativa. Assim, a pesquisa resulta em pressuposto inerente aos processos pedagógicos de aprendizagem objetivados por uma instituição como a universidade, podendo ser pensada como princípio orientador dos processos de formação.

Graus ou níveis de intensificação da aprendizagem através da pesquisa

Mesmo pensando a partir de um conceito geral de pesquisa como construção do conhecimento, é necessário diferenciar graus ou níveis de intensificação da aprendizagem através da pesquisa. A obtenção de uma percepção mais apurada de uma problemática mediante uma aprendizagem significativa, o que chamamos de construção de conhecimento, não resulta necessariamente numa argumentação sistemática, disponível materialmente sob a forma de um texto, por exemplo. Isso porque a perspectiva de elaboração de um texto escrito, capaz de constituir-se em apresentação formal de alguma aprendizagem, exige uma disciplina de trabalho que começa com uma tematização, passa por uma problematização, inclui uma hipótese, exige uma escolha ou definição de interlocutores etc. A investigação que tem como meta a produção de uma prova material da aprendizagem do pesquisador se realiza sob a forma de projeto de pesquisa e necessita ser percebida como de nível ou de grau diverso das demais formas de aprendizagem ou de construção de conhecimento.

O esforço que aqui estou fazendo é o de conceituar a pesquisa de modo que se trate de um conceito capaz de abarcar toda uma dimensão inerente ao fazer universitário, que atravessa o ensino e a extensão, sem dar a entender que todos são pesquisadores iguais. E isso é fundamental sob o ponto de vista do gerenciamento institucional da pesquisa. Se apenas entendêssemos que todos são igualmente pesquisadores, com toda a razão deveríamos pleitear também as mesmas condições institucionais de pesquisa para todos. Por outro lado, se entendêssemos por pesquisa apenas o que se realiza como desenvolvimento de projetos (com problematização, hipótese, escolha de interlocutores, etc.), ficaria muito difícil falar de pesquisa na graduação ou como princípio educativo, ou, ainda, como eixo de formação dos cursos de graduação. O desenvolvimento de projetos de pesquisa, em função do trabalho sistemático e disciplinado que implica, requer algum suporte institucional, como a destinação de tempos e de recursos.

Pesquisa como aproximação à realidade e produção de conhecimento novo

Pode-se dizer que toda a pesquisa não passa de um esforço de aproximação da realidade. Para enxergar e fazer ver algo em determinado campo da práxis humana, é preciso encontrar formas que permitam a diferenciação, a distinção e a comparação. Para isso, tornam-se necessárias as teorias e, mais especificamente, as categorias de análise, que nada mais são do que as formas, as medidas ou as lentes que criamos ou

de que nos valem para o estabelecimento de distinções num determinado âmbito da realidade. Sem categorias as realidades se apresentam indiferenciadas, confusas, caóticas. E diante de um quadro em que nada se distingue, qualquer tomada de decisão ou postura assumida não ultrapassa o âmbito do arbitrário ou do aleatório.

Nessa perspectiva em que a pesquisa consiste no esforço em entender uma realidade prática (um concreto) a partir do seu confronto com uma referência teórica (um abstrato), pode-se dizer que a teoria é constituída de critérios que permitem ver problemas e soluções no campo da prática. Critérios que, por sua vez, acabam sendo redimensionados ou revistos no confronto com a dinâmica concreta da realidade. A pesquisa, e o processo de aprendizagem que ela pressupõe, tem como objetivo último o melhor entendimento da prática, capaz de inspirar uma ação mais crítica, mais qualificada e mais eficiente.

Enquanto esforço de aproximação à realidade e busca de melhor entendimento, o processo da pesquisa pressupõe também a produção de conhecimento novo. Mesmo com a utilização de um conceito geral de pesquisa como construção de conhecimento é preciso esclarecer em que sentido ou na ótica de quem se coloca esta questão da novidade. Assim, pode-se estabelecer uma distinção entre o "novo" sob o ponto de vista do aprendente/pesquisador e o *novo* sob o ponto de vista do saber acumulado no âmbito de uma comunidade científica.

No primeiro sentido a questão da novidade do conhecimento se coloca como condição da própria aprendizagem, como sua única possibilidade, já que ela é necessariamente original (nova) sob o ponto de vista do sujeito. Trata-se, efetivamente, da negação da possibilidade de conhecimento como repasse, como mera transposição de uma consciência para outra. Pode-se dizer que as teorias da aprendizagem mais reconhecidas na atualidade corroboram esse entendimento de que os conhecimentos sempre se constroem em perspectiva própria, nova e original do aprendente.

Já no segundo sentido o *novo* se coloca na perspectiva de uma contribuição para o avanço de uma determinada ciência. Esse sentido deve estar minimamente presente na pesquisa que se desenvolve sob a forma de projeto. Mesmo que não se entenda esse sentido de novo como algo absolutamente inédito, é necessário que haja uma abordagem minimamente original, seja sob o ponto de vista da articulação de idéias em si já existentes, seja sob o ponto de vista da aplicação de um quadro teórico em contexto.

Essa exigência de novidade sob o ponto de vista da ciência coloca como aspecto fundamental, no caso de um projeto de pesquisa, a questão da hipótese da investigação. Hipótese não no sentido simples de afirmar ou de negar algo com base em algum experimento, mas que se coloca mais ou menos em termos como: O que o pesquisador imagina poder vir a dizer de novo em relação ao objeto tematizado? O esclarecimento dessa intencionalidade implica, por sua vez, a definição de um percurso investigativo capaz de levar à possível afirmação dessa novidade.

A dimensão pedagógica do saber na Universidade

Posto o conceito de pesquisa como construção do conhecimento e estabelecidas algumas diferenciações de graus ou de níveis de intensidade, especialmente em relação

àquela pesquisa que se coloca na perspectiva do oferecimento de uma contribuição para o desenvolvimento da ciência, pensemos um pouco sobre o que poderíamos chamar de dimensão pedagógica do saber na Universidade. Para isso, sugiro um entendimento que diferencia o conhecimento produzido na universidade daquele produzido em outras instâncias, como numa empresa, por exemplo.

Em primeiro lugar, a produção do conhecimento na Universidade se coloca na perspectiva da universalidade do saber. Trata-se de saberes que se acumulam, que se complementam, que se contrapõem e que dialogam entre si. Por isso se fala em linhas de pesquisa, em temáticas comuns, em regionalidades do conhecimento e em interlocução de saberes.

Em segundo lugar, o saber produzido na universidade é, por definição, um saber colocado a público, um saber a ser partilhado. Na Universidade não se justifica esconder o saber, guardá-lo num círculo egoisticamente fechado. Só o pressuposto da ampla divulgação do conhecimento aí produzido é capaz de justificar o financiamento público da pesquisa universitária. Em terceiro lugar, o saber produzido na Universidade se coloca em perspectiva pedagógica, já que é um saber a ser comunicado, a ser partilhado, seja em contextos de ensino, seja em contextos de extensão. A perspectiva pedagógica de um saber consiste na capacidade de explicitar o processo de sua construção, as razões que o tornam pretensamente válido, a sua significação social.

Não é por outra razão que os processos e produtos das pesquisas feitas na academia, como dissertações, teses, artigos, livros e relatórios, se estruturam em termos de uma tematização relevante (objetivos) que se insere no debate de uma comunidade científica (revisão de literatura), sob a forma argumentativa e explicitadora (metodologia, referenciais, análises) de suas conclusões.

A pesquisa na graduação

Pode-se pensar a pesquisa na graduação sob três perspectivas: como um fazer dos professores, como um fazer dos alunos e como um princípio articulador e estruturador do próprio processo de formação. Aqui pretendo não muito mais do que enunciar essas formas possíveis de pensar a pesquisa no âmbito da graduação, destacando a sua relação com o conceito de construção de conhecimento.

A pesquisa do professor pode ser visualizada sob três óticas complementares: como constituidora de sua identidade teórico-prática, como investigação dos temas ou conteúdos das disciplinas ministradas e como investigação da própria prática.

A pesquisa do professor que resulta na afirmação de sua identidade teórico-prática é aquela que ele geralmente realiza por ocasião do seu processo de qualificação em nível de mestrado ou de doutorado e que, em muitos casos, passa a ser a sua linha ou temática de investigação ao longo da vida acadêmica. Essas investigações, que resultam em dissertações ou teses, produzem competências específicas em função da inserção em determinado debate acadêmico-científico. Tais competências qualificam o professor a ponto de o tornar referência, pelo menos no âmbito institucional, com relação a determinado tema ou campo investigativo. A definição de uma identidade teórico-prática possibilita também uma atuação bem mais qualificada no âmbito da docência.

Isso fica bem mais evidente nos casos em que a temática investigada no processo de formação se vincule à área de atuação no ensino. Abre-se aí a possibilidade de uma qualificação da prática, já que a escolha e a organização dos subsídios (textos) para os alunos pode ser bem mais criteriosa e dentro de uma lógica mais propositiva. Em muitos casos observa-se que é o próprio professor que passa a escrever os textos para suas aulas.

Enquanto investigação dos temas ou conteúdos das disciplinas ministradas, a pesquisa do professor possibilita um situar-se na lógica epistêmica a partir da qual os conhecimentos adquirem status de cientificidade. Na ótica de uma didática que se dispõe a revelar aos educandos as razões que justificam a presença e a validade dos conteúdos ministrados nos currículos escolares não basta que o professor transmita aos alunos o seu saber. É necessário que saiba argumentar em torno da pretensa validade desses conteúdos ou saberes. O desafio que a ele se coloca é o de reconstruir o processo histórico ou o debate científico no qual os conteúdos do seu programa de ensino emergiram como dignos ou fundamentais de serem aprendidos por seus alunos. A percepção do conhecimento nessa perspectiva, isto é, como algo sempre dependente de justificação, requer essa ação e postura investigadora do docente. Em *Pedagogia da Ação Comunicativa: uma leitura de Habermas* (1997) proponho um entendimento dos processos pedagógicos de aprendizagem com base na percepção da estrutura comunicativa dos conhecimentos ministrados.

Como investigação da própria prática, a pesquisa do professor se coloca de forma crítica e reflexiva frente ao próprio fazer pedagógico. Enquanto prática social, o fazer docente assume o caráter de um fazer intencional, baseado em opções teóricas e práticas necessitadas de justificação. Isso coloca o desafio de que a prática seja coerente e articulada em torno de opções fundamentais assumidas. Por investigação da própria prática deve-se entender, também, uma atitude de busca contínua de aperfeiçoamento do fazer pedagógico em situação nunca a mesma e, por isso, a rigor, sempre inédita. Cada nova turma de alunos constitui novo contexto de aprendizagens, com novas e outras motivações, com novos e outros sentidos sedimentados ou experiências prévias por parte dos educandos. Por isso não há algo como um ponto de chegada em termos de competência docente. Há, isso sim, estágios mais ou menos avançados em termos de aprendizagem da docência. Por isso a necessidade de um pesquisar contínuo da prática por parte do professor.

A pesquisa dos alunos, por sua vez, se coloca como condição para uma formação baseada em aprendizagens significativas. Dizer aprendizagem significativa é, na verdade, uma redundância. Mas a noção largamente difundida de aprendizagem como sinônimo de saberes guardados na mente exige esse qualificativo que ressalta a idéia de aprendizagem percebida em sua pertinência e à luz das razões que validam o que se passa a ter como pretense conhecimento.

Nesse entendimento, a pesquisa dos alunos, compreendida como construção do conhecimento, pode realizar-se de diversas formas: como trabalho de investigação individual, como projeto de um grupo e, também, como dinâmica de trabalho implementada pelo professor no coletivo de uma sala de aula. O fato de a aprendizagem depender de uma percepção de relações e sentidos que se estruturam na perspectiva do sujeito aprendente não pode ser visto como desautorizador de processos coletivos

ou de uma ação diretiva por parte do professor. É a organização dos processos de aprendizagem sob a forma da pesquisa que constitui, ou deveria constituir, o diferencial da Universidade (e também da escola) na mediação do conhecimento.

A possibilidade da pesquisa como um fazer dos alunos implica a estruturação do Curso de Formação também na ótica da pesquisa. Para isso, o campo da futura atuação profissional deve ser visto como um conjunto de práticas e situações que vão exigir critérios e referenciais que o Curso de Formação tem a pretensão de estar proporcionando. Torna-se fundamental, portanto, que ao longo do Curso os alunos venham a ser colocados frente a situações que aparecerão em sua futura atuação profissional. Daí a importância da estruturação do Curso de Formação na lógica da pesquisa. Lógica essa que deve ter caráter mais indutivo do que dedutivo. Ao invés de munir os alunos com conjuntos de teorias ou princípios, com pretensas soluções para as possíveis e imagináveis situações com que se depararão no futuro (lógica dedutiva ou metafísica), até porque deixa transparecer a idéia de que as soluções estão prontas antes que os problemas tenham surgido —, o recomendado seria iniciar o processo formativo a partir de um banho de realidade. Em outros termos, trata-se de encontrar formas de os alunos se depararem com as situações concretas do campo profissional no qual ocorre sua formação.

A pesquisa como princípio de formação pressupõe uma concepção de aprendizagem que capacite para o pensar e para o aprender a aprender. Uma boa formação não é aquela que apresenta possíveis soluções para todos os problemas visualizáveis no âmbito de determinada profissão. Por mais exaustiva e minuciosa que fosse a formação posta nesses termos, ela certamente se revelaria defasada imediatamente após a sua conclusão. Por mais que os professores se preocupassem em manter os conteúdos de suas disciplinas atualizados, as rápidas transformações em seus campos de atuação e de saber lançam desafios sempre novos e sequer imaginados. Assim, a formação profissional em nível de graduação sempre deverá ser entendida como formação inicial. Por isso não basta aprender coisas. É preciso aprender a aprender, buscando entender a lógica que estrutura os conhecimentos, que os faz reconhecidos como pretensamente válidos ou superados num momento seguinte. E esse aprendizado só pode ser obtido através do desenvolvimento da atitude investigativa por parte do aluno e da estruturação do processo formativo na lógica da pesquisa.

A pesquisa na pós-graduação e as articulações com a graduação

Evidentemente, a pesquisa na pós-graduação deve ser entendida como aquela que pretende oferecer uma contribuição à ciência. Trata-se de uma pesquisa baseada na realização de projetos, cuja motivação está em poder vir a dizer algo de novo em relação a determinado assunto, mediante a produção de um entendimento mais aprofundado. Trata-se daquela pesquisa que responde a perguntas, que parte de problemas da vida humana.

Um curso de pós-graduação apresenta-se como um espaço em que se buscam criar as condições favoráveis para o aprofundamento da aprendizagem através da pesquisa. Com disponibilidade de tempo e com os recursos materiais necessários, espera-

se que a aprendizagem dos pesquisadores se constitua em conhecimento disponível, cuja pretensão de validade se assente em argumentos de cientificidade, postos com rigor e sistematicidade.

A pesquisa na pós-graduação, sob o ponto de vista das temáticas com que se ocupa, está, via de regra, articulada com as áreas de formação em nível de graduação. Sob esse ponto de vista, das tematizações, não há como imaginar uma separação de âmbitos investigativos. Daí que a pós-graduação sempre deverá ser vista como demandada pelos cursos de graduação e, portanto, posta a seu serviço.

Já sob o ponto de vista da organização da pesquisa na pós-graduação há algumas especificidades que aí se colocam. Em primeiro lugar, um programa *stricto sensu* é entendido como um programa de pesquisa. Trata-se sempre de um programa baseado numa Proposta (definição de um campo teórico-prático), com linhas e projetos de pesquisa, aos quais se articula um processo de formação de novos pesquisadores. Sua avaliação se dá com base nos resultados de pesquisa, isto é, com base na produção científica docente e discente. Sob o ponto de vista da condução de um programa se coloca o papel fundamental de um grupo de docentes pesquisadores (núcleo permanente ou de sustentação do programa).

Um programa se sustenta pela sua base de pesquisa, para o que conta a existência de projetos de pesquisa, conduzidos por equipes de pesquisadores. Equipes compostas por professores, alunos e outros pesquisadores e que venham a ser produtivas em termos de resultados de investigação científica.

A base de pesquisa deve estar assentada em docentes do núcleo permanente do programa, mas as equipes podem, e é bom que assim seja, abranger outros docentes pesquisadores da instituição ou de fora dela, como também alunos de graduação, especialmente de iniciação científica.

Enfim...

Diante do desafio de demarcar o espaço da pesquisa no âmbito da universidade, o conceito de pesquisa, compreendido como construção de conhecimento, foi articulado com as necessárias aprendizagens dos sujeitos face às demandas da vida. Frente aos desafios de entender a realidade, de situar-se diante dela com o mínimo de autonomia e pensamento próprio, é necessário que os sujeitos desenvolvam explicações razoáveis e argumentadas acerca do mundo e da vida em sociedade. A pesquisa, enquanto esforço em compreender as situações práticas mediante o recurso a categorias teóricas e/ou interpretativas, aparece como atividade humana de fundamental importância e que tem na universidade um lugar privilegiado para sua otimização.

O desafio de produzir novos conhecimentos e de oportunizar processos qualificados de aprendizagem exige da universidade um modo de operar pautado na dinâmica da pesquisa. Com isso, o aprender e o ensinar devem se estruturar também sob a lógica em que determinadas realidades da vida e do mundo necessitam ser entendidas. Os conceitos ou conteúdos de ensino já não podem ser simplesmente transmitidos, mas devem ser percebidos em sua razão de ser e em relação às experiências e aos sentidos

que os aprendentes já possuem. Trata-se, portanto, da mesma lógica que orienta o cientista na busca de novas e mais apuradas percepções do seu objeto de estudo.

A proposição de um conceito geral de pesquisa, que sugere uma dinâmica de pesquisa atravessando todo o fazer da universidade, não pode resultar numa indiferenciação de fazeres no âmbito dessa instituição. O diferencial se observa, e se justifica em termos de alocação de recursos, em relação ao modo específico de realização da pesquisa através de projetos que, com o objetivo de produzir uma elaboração sistemática e metódica de um conhecimento, tem a pretensão de oferecer uma contribuição específica (nova) para a ciência.

Se a pós-graduação é o lugar em que a pesquisa se apresenta predominantemente sob a forma de projetos, isto é, como o âmbito da produção do conhecimento novo para a ciência, a graduação é o lugar em que a mediação do docente-pesquisador possibilita a construção do conhecimento pelos seus alunos. Assim, quanto melhor situado dentro do debate científico de sua área de ensino, tanto melhor o docente poderá estabelecer o necessário diálogo crítico e instigador junto aos seus alunos, contribuindo para a qualificação de sua capacidade de pesquisa.